

CLARICE LISPECTOR

filosofia e literatura

Coordenação de Maria Celeste Natário, Cícero Cunha Bezerra e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-4-4

Depósito Legal:

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-4-4/clar>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES – Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

PERTO DE CLARICE LISPECTOR: O LEITOR BENEDITO NUNES

Nádia Battella Gotlib

“...este livro que me entendeu mais do que eu me entendi.”

Clarice Lispector

Nem sempre uma obra literária que se publica ao longo de quatro décadas consegue cativar e manter a atenção regular de seus leitores. No caso de Clarice Lispector, pode-se afirmar que sua ficção conseguiu esse objetivo: o leitor Benedito Nunes acompanhou o percurso da escritora desde meados dos anos 1960, e, depois da morte da escritora, manteve uma atividade crítica de grande repercussão, graças ao cultivo de uma leitura persistente, atenta, iluminadora.

É minha intenção nesse texto tentar destacar alguns pontos dessa jornada, procurando não me deter em linhagens específicas de abordagens teóricas assumidas pelo crítico, mas alertar para as muitas e amplas direções que, nesse caminho, o crítico aponta, e que acabam por transformar o seu trabalho intelectual em atividade de amplo alcance no campo da formação da sensibilidade diante da arte literária de Clarice Lispector¹.

Tão perto, mas ainda longe: Dona Clarice

Quando Clarice Lispector chegou a Belém, em janeiro de 1944, já casada com o diplomata Maury Gurgel Valente, levava na bagagem seu primeiro romance lançado em dezembro do ano anterior, *Perto do coração selvagem*, romance que seria divulgado justamente nesse início de 1944.

Nesses tempos de segunda guerra mundial, a bonita e promissora escritora de 23 anos, ucraniana de ascendência judaica e naturalizada brasileira, vinha do Rio de Janeiro acompanhando o marido designado para ali prestar serviço pelos seis meses seguintes como agente de ligação entre o Ministério

¹ Este texto é uma nova versão, reduzida, de artigo publicado no livro *Pensamento poético – a obra de Benedito Nunes*, que reúne produção de vários autores, apresentada em comemoração aos 80 anos de Benedito Nunes, por ocasião do “Congresso Benedito Nunes, Pensador Brasileiro”, de 25 a 27 de novembro de 2009, em Belém do Pará, sob organização da Universidade do Amazonas.

das Relações Exteriores e as autoridades estrangeiras das bases militares dos Aliados sediados em Belém.

Paralelamente à rotina de esposa de diplomata, que incluía na agenda reuniões com os oficiais dos Estados Unidos ali residentes ou de passagem, e enquanto aguardava, ansiosa, a repercussão do romance pela crítica especializada que atuava na imprensa carioca, a jovem escritora mantinha algumas poucas atividades como repórter do jornal *A Noite*, embora estivesse de licença desse trabalho, em que se iniciara, aliás, nos inícios da década de 1940, no Rio de Janeiro. E estabelecia vínculos com intelectuais que residiam em Belém.

Os muitos encontros que a escritora teve com a intelectualidade paraense são relatados por um paraense que, nessa época, era um mocinho de apenas 14 anos de idade: Benedito Nunes.

Conheci Clarice Lispector, antes de conhecer a escritora e a pessoa, por um outro nome: “Dona Clarice”, que é como a chamava, sempre que a ela se referia, o prof. Francisco Paulo Mendes, seu amigo de primeira viagem. Encontraram-se em Belém, no início da década de 20, acho que em 44, ela, com o marido Maury Gurgel Valente, então a serviço do Itamaraty, hóspede do Central Hotel. Viam-se frequentemente no Café Central, um verdadeiro Café, que dava para a rua, e onde, muito mais tarde juntei-me ao grupo que ali se reunia, liderado pelo referido (Nunes, 1998, s.p.).

Mas as informações não param por aí. O moço receberia de Clarice mais informações sobre essas relações suas com os intelectuais paraenses:

O professor revelou-lhe Sartre, me diria, mais tarde, “Dona Clarice”. E a ele dirigiria o súplice recado de *Um Sopro de Vida*: “Cadê o desaparecido Francisco Paulo Mendes? Morreu? Me abandonou, achou que eu era muito importante.” Antes da Clarice real e da Clarice ficcionista, conheci a mítica, dona estelar de memorável brilho no passado do grupo (Nunes, 1998, s.p.).

O Central Hotel, construção que na época exibia certo requinte, em esquina da rua 28 de setembro com a atual Presidente Vargas, transformou-se pois em espaço de encontro propício ao enriquecimento intelectual de Clarice. (Nunes, 2005, s.p.)

De fato, a presença de Francisco Paulo Mendes seria marcante na formação intelectual da jovem romancista de 23 anos, sob a forma de sugestão

de leituras, de empréstimo de livros, de conversas sobre literatura e arte, segundo informações da própria Clarice, em cartas que envia a parentes e amigos que residiam no Rio de Janeiro.

Em carta ao amigo Lúcio Cardoso registra a rotina da sua vida em Belém, mostrando-se ora em estado de “liberdade deliciosa”, ora um tanto apreensiva em relação às críticas publicadas na imprensa carioca sobre seu primeiro romance. E menciona os novos amigos:

Encontrei aqui pessoas muito interessantes. Paulo Mendes é professor de literatura, mas não um didático. Tem grande biblioteca, conhece um bocado de coisas (...), é muito inteligente. É ótimo falar com ele sobre livros dos quais a gente gosta. Ele me emprestou os *Cahiers de Malte*, de Rilke, e pedaços escolhidos de Proust. Ele falou de você de um modo que eu gostei de ouvir (Lispector, 2002, p. 42).

Talvez tenha sido esse o primeiro passo de uma aproximação entre Benedito Nunes e Clarice: ambos moravam na mesma cidade, ainda que sem se cruzarem; e tiveram aí amigos comuns, ainda que em diferentes ocasiões.

Mas a leitura sistemática da obra de Clarice por Benedito Nunes haveria de aguardar mais algum tempo para ser processada e divulgada na imprensa e sob a forma de livros. Os primeiros artigos seriam publicados dali a 20 anos: no decorrer dos anos 1960.

Das primeiras publicações ao “mundo imaginário” de Clarice

Com uma série de artigos publicados no Suplemento literário do jornal O Estado de S. Paulo, no decorrer de 1965, Benedito Nunes inaugura sua incursão crítica pela obra de Clarice. Até então os artigos que escrevia regularmente na imprensa dedicavam-se a outros assuntos e autores.

É o próprio Benedito Nunes que conta como foi esse início de leituras da obra de Clarice: “Comecei a ler a ficcionista pelos contos de *Laços de família*. Mas foi em 1964, com *A paixão segundo G. H.* que os laços da sedução literária e filosófica a ela me amarraram.” (Nunes, 1998, s.p.)

Quatro artigos sobre Clarice publicados na imprensa ao longo de 1965 são editados em forma de livro no ano seguinte, em 1966, com o título de *O mundo de Clarice Lispector*. Se esse primeiro livro sobre Clarice teve, no entanto, divulgação restrita, não é o caso da publicação dessa matéria no

volume *O dorso do tigre*, publicado em 1970, com ampla divulgação, sobretudo no meio acadêmico.

Nessa segunda publicação, que reúne, pois, matéria já publicada anteriormente na imprensa ao longo da década de 1960, e já publicada em livro em 1966, o repertório inclui, num primeiro tópico, questões de filosofia, estética e arqueologia; e, num segundo, o autor faz leitura da obra de quatro autores brasileiros: Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa e João Cabral de Melo Neto.

Interessante observar o nível de qualidade dos escritores que seleciona. E o procedimento que adota nas leituras, calcadas, sempre, num enfoque que tem a linguagem como ponto de partida e a discussão em torno da postura diante da linguagem como instrumento de investigação, em relação bem tecida filosoficamente entre o foco do que narra e o modo de percepção do que lê, dois pontos de vista que acabam dialogando nas entrelinhas da reflexão.

O crítico mantém, nesse volume, as considerações anteriores que situam a ficção de Clarice Lispector no contexto da filosofia da existência, aludindo à “intuição kirkegaardiana do caráter pré-reflexivo” e à náusea sartreana, sob a forma da angústia, tal como a concebeu Heidegger, espécie de isolamento metafísico, na insegurança da entrega à liberdade de si mesmo, em “puro *estar-aí* (Dasein)”. (Nunes, 1970, p. 95) Mas ao se deter na personagem G. H., estabelece as diferenças em relação ao personagem Roquentin, de Sartre, em *La nausée*, já que no romance *A paixão segundo G. H.*, de Clarice, a personagem libera o impulso primitivo ao se entregar a essa experiência do Absoluto e do Nada, mediante desistência da linguagem e aceitação do silêncio. “A vida se me é”, afirma a narradora personagem G. H.

As convergências com a mística, patentes na dissolução das contradições em Deus e no amor do neutro, no êxtase que se aí experimenta, amarram as considerações desse capítulo em que se detém sobretudo no percurso da personagem G. H. pela *via crucis* da paixão.

Em relação aos personagens, detecta certo esquematismo, já que são inseridos em espaços abstratos, em função do papel que desempenham enquanto seres existenciais que exercitam o poder da reflexão sobre sua própria experiência: e “assistem, muitas vezes, como espectadores, à constante metamorfose de seus estados afetivos”. (Nunes, 1970, p. 118) Advém dessa constatação, a ideia de que, nos personagens, a identidade pessoal é uma ilusão: “o Eu dos indivíduos nada tem de substancial.” (Nunes, 1970, p. 119)

A cada investida em direção ao âmago de si mesmo, segue-se o fracasso da missão: encontra-se uma outra pessoa, ou, simplesmente o outro. Está definido o ponto do percurso a partir do qual o crítico irá desenvolver, numa nova etapa, a reflexão em torno dos personagens de Clarice já enquanto manifestações de sucessivos desdobramentos.

Antonio Candido, em artigo pioneiro sobre o primeiro romance da escritora, aponta essa falácia da linguagem, ao mesmo tempo que reforça o caráter repetitivo dessa ação da escrita, remetendo ao mito de Sísifo. E registra um ponto que considero fundamental referente ao método narrativo de Clarice Lispector: o método da aproximação, como se o narrador construísse sua narrativa mediante tentativas de chegar cada vez mais perto das suas personagens nessa descoberta de caráter existencial. (Candido, 1944b)

Já Benedito Nunes, ao flagrar nos romances de Clarice Lispector a força do “sentimento da existência” dos personagens diante da matéria viva, – que, graças a seu forte “poder de existir”, suscita o processo narrativo, que acontece justamente nesse ato de “surpreender o símbolo das coisas nas próprias coisas” (Lispector, 1943, p. 46), conforme citação de Clarice em *Perto do coração selvagem* -, o crítico encontra “afinidades” existentes entre o modo de ser das coisas no mundo de Clarice Lispector e a natureza maciça, compacta, do *Em-si sartreano*, idêntico a si mesmo, como o Ser esférico de Parmênides.” (Nunes, 1970, p. 124)

O crítico desvenda aí um processo: o percurso em direção à “vida secreta” das coisas, o “descortínio do próprio Ser”, mas por um procedimento desconstrutor, no sentido de que a linguagem “desagrega, dissocia.” (Nunes, 1970, p. 124) Daí a importância dos bichos na literatura de Clarice, enquanto “existência ameaçadora, ancestral e inumana, capaz de provocar náusea.” (Nunes, 1970, p. 125) Por isso os animais nessas narrativas estão mais próximos dos descritos por Rilke do que dos criados por Kafka: não são fantásticos, mas têm relevância ontológica, entregues a sua existência e ao seu Ser. Daí também a importância do núcleo originário, “a coisa da coisa”, a “vis ativa”, o segredo, ponto extremo em que se testam os limites da própria coisa para se chegar ao silêncio, ao que não pode ser expressado.

Finalmente, num último capítulo, o crítico traz sua reflexão anterior sobre o jogo da linguagem, agora com o título de “Linguagem e silêncio”. Sua leitura desenvolve-se atenta à questão que irá nortear as investidas posteriores: uma atenção crítica voltada especificamente para – conforme título dos artigos – “o jogo da linguagem” enquanto espaço em que acontece o espetáculo estético, produto da liberdade da imaginação criadora.

Numa abordagem que se alicerça em sólida formação filosófica, patente na seleção dos autores que cita, recorre a Schiller para definir o jogo estético como produto da sensibilidade e inteligência; a Heidegger, para realçar o caráter ontológico dos jogos de linguagem, enquanto diálogo com o Ser e revelação do mundo; a Kirkegaard para remeter ao paradoxo do fracasso da existência e da linguagem, ao que não pode ser pensável e ao que a linguagem não pode exprimir; e a Wittgenstein, que remete ao silêncio, quando nada se pode falar.

No silêncio é que o crítico encontra o espaço de tradução do que parece fundamental na literatura de Clarice: a percepção do inatingível, do indizível, do inenarrável. As considerações sobre a linguagem e o ser desenvolvidas a partir da leitura, entre outros, do romance *A maçã no escuro*, levam-no diretamente ao âmago dessa questão: a tradução do inexprimível. Eis o tema central da escrita de Clarice, que, por diferentes instrumentos operacionais ligados à filosofia da linguagem, será exaustivamente analisado pela crítica das décadas seguintes.

Ressalte-se, nesse final de reflexão da parte do livro dedicada à literatura de Clarice, dois pontos que marcam a história da leitura de sua obra por Benedito Nunes: o jogo da linguagem como matéria prima dessa ficção, não só porque personagens andam à busca de expressão e comunicação, mas porque a ficção é o próprio objeto em questão; e a “técnica do desgaste”, expressão criada pelo crítico para traduzir o modo de ser desse processo, “como se, em vez de escrever, ela desescrevesse, conseguindo um efeito mágico de refluxo da linguagem, que deixa à mostra o “aquilo”, o inexpressado”, em direção contrária ao “estilo de acréscimo” de um Guimarães Rosa, por exemplo. (Nunes, 1970, p. 138)

A *desescritura*, esse desvestir a linguagem de uma roupagem que envolve a ‘coisa’, na tentativa de dela se aproximar, em direção ao âmago, figurada, aliás, nas cascas da cebola, ou nas asas transparentes da barata que G. H. devora, constitui um dos traços de sustentação dessa construção reflexiva. Nesse eixo de transmissão da engrenagem crítica encaixam-se as demais negações transgressoras de Clarice, a serem desenvolvidas posteriormente pela crítica: o anti-conto, o anti-romance, a anti-entrevista, a anti-página feminina, ou seja, uma anti-ficção, ou ainda, um anti-gênero narrativo, uma anti-literatura. O crítico desvela, assim, um princípio gerador do discurso a partir da desmontagem da escrita que, desse modo, aponta para as abordagens que haveriam de se desenvolver posteriormente².

² Desenvolvo algumas dessas propostas em: Nádya Battella Gotlib, *Antientrevistas*; Na TV Cultura; *Clarice, uma vida que se conta*. (1995) 7ª ed. São Paulo, Edusp, 2013, p. 558-575.

Um novo livro: *Leitura de Clarice Lispector*

A história da leitura da obra de Clarice por Benedito Nunes ganha novo passo com a publicação do livro *Leitura de Clarice Lispector*, em 1973. O leque de obras aí analisadas atualiza-se, pois incorpora desde o primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, até os contos mais recentes, reunidos no volume *Felicidade Clandestina*, de 1971. De fato, é essa a intenção do autor: fazer uma “leitura global” da obra incorporando contos e romances, de modo a apreender “o movimento próprio de sua escritura”, conforme o próprio autor anuncia da sua “Introdução” ao volume.

O que se nota, desde o primeiro capítulo, é uma organização da matéria analítica de modo didático, no melhor sentido que esse termo evoca: entra diretamente no assunto de modo eficiente. E concede especial atenção às instâncias do narrador, nas suas relações e modos de ver as personagens. Assim sendo, ao examinar o primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, anuncia as suas três características principais logo no primeiro parágrafo e grafadas em itálico: “*o aprofundamento introspectivo, a alternância temporal dos episódios e o caráter inacabado da narrativa.*” (Nunes, 1973, p. 3)

E passa então a examinar a diferença entre o narrador desse romance, que *alterna* discurso direto e indireto, como alterna tempos, presente e passado, com o narrador de *O lustre* que, diferentemente, *adere* à personagem, ambos, no entanto, fiéis ao princípio gerador dessa ficção: o caráter monocêntrico da narrativa, já que a narrativa é “desenvolvida em torno de um centro privilegiado que o próprio narrador ocupa.” (Nunes, 1973, p. 13)

Também na leitura de *A cidade sitiada* ressalta a “abstração romanesca” como um dos ingredientes do romance, já que a experiência pessoal das personagens não se acha integrada no romance nem exemplifica um meio social definido. E em *A maçã no escuro*, onde detecta duas linhas de ação – a romântica e a mística – volta à questão do ser e do dizer, mas enquanto drama da linguagem, pois a romancista, ou autor, torna-se ator “por desdobramento dramático”. (Nunes, 1973, p. 41). Esse drama da linguagem reaparece na leitura de *A paixão segundo G. H.*, mas num estágio ainda mais agônico: a narração “acompanha o processo de desapossamento do eu” que “somente pela narração consegue reconquistar-se.” (Nunes, 1973, p. 66) Desdobramentos: esse é um dos eixos que norteará a futura literatura de Clarice dos anos 1970. E a futura crítica de Benedito Nunes.

Foge dessa perspectiva a construção do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, pois o crítico aí observa a alternância entre formas de

monólogo e do diálogo, diálogo que, no entanto, ganha corpo no final da narrativa, viabilizando uma comunicação entre as pessoas.

Também ao analisar os contos de Clarice Lispector dos volumes *Laços de família*, *A legião estrangeira* e *Felicidade clandestina*, destaca a “tensão conflitiva”, sob diferentes mediações (o cego, no conto “Amor”; a fera-búfalo, no conto “O búfalo”) e configurações. Mas detém-se no mesmo procedimento do desdobramento da visão da personagem, enquanto sujeito e objeto da narrativa, que o crítico demonstra a partir das sucessivas histórias do conto “A quinta história”.

Numa segunda parte, intitulada “Da concepção do mundo à escritura”, o autor remete às considerações anteriores, já expostas numa das partes do volume *O dorso do tigre*, em que examina a obra de Clarice em função dos “motivos constantes que se repetem nos contos e romances da autora” (Nunes, 1973, p. 97). Reconhece uma íntima relação entre tais motivos, a partir da linha de continuidade da “temática marcadamente existencial”, ligada, pois, a tópicos da filosofia existencialista, mas ressalta no entanto, as diferenças, desde que essa veia existencialista encontra-se, na obra de Clarice, suplantada pela perspectiva mística.

Partindo da constatação básica de que personagens de Clarice experimentam “a violência represada dos sentimentos primários e destrutivos” (Nunes, 1973, p. 98), sem o poder de controle dessa “paixão da existência”, que se manifesta por uma aguda capacidade de reflexão, o autor delinea a tragédia da consciência de si, espelhada no ‘outro’, configurada no ‘olhar’, dramatizada em linguagem sob a forma de conflitos que se instauram a partir de tais desdobramentos. Mas o enfoque existencialista na leitura da obra de Clarice tenderia a ser paulatinamente amenizado pelo crítico.

Clarice Lispector lê Benedito Nunes

Ele vai me considerar uma existencialista? teria ela, receosa e desgostosa, perguntado sobre minhas intenções a Nelly, quando esta lhe anunciou o Leitura. A preocupação da escritora era justificável. Nos cinco artigos da série havia exagerado a dose da náusea sartreana, corrigida na publicação seguinte à custa da acentuação sobre a tendência mística de G. H.³ (Nunes, 2000, p. 47).

³ O depoimento que Benedito Nunes me concedeu em 1998 foi publicado em 2000, com o título de “Dona Clarice”, in: Benedito Nunes, *Dois ensaios e duas lembranças*, Belém, SECULT/UNAMA, edição que aqui eu adoto para as referências bibliográficas.

Nesse depoimento de Benedito Nunes, em que menciona o convite que lhe dirige Nelly Novaes Coelho, então proprietária da editora Quíron, para editar o livro *Leitura de Clarice Lispector*, não se ressalta apenas certa apreensão de Clarice em relação à “dose” da náusea sartreana que lhe fora atribuída pelo crítico. Mais que isso, manifesta-se uma disponibilidade humilde do crítico para certos reajustes de seu percurso crítico, pronto a reformular opiniões, em atitude nem sempre frequente no nosso mundo intelectual.

E se Benedito lê e relê Clarice, Clarice lê Benedito. E faz anotações manuscritas com transcrição de alguns trechos do livro *Leitura de Clarice Lispector*, que registra em página solta, guardada por um dos seus herdeiros.

Destaca, por exemplo, logo do primeiro capítulo, intitulado “A narrativa monocêntrica”, em que o crítico refere-se à errância interior da personagem, uma afirmação sobre a personagem Joana, protagonista do primeiro romance de Clarice, *Perto do coração selvagem*: “A reflexão contínua a que se entrega corta-lhe a espontaneidade dos sentimentos e incompatibiliza-a com a fruição pura e simples da vida.” E, logo em seguida, acrescenta trecho que é continuação desse primeiro, e que a escritora registra suprimindo um trecho, que aqui transcrevo, entre colchetes: “[As palavras mesmas que ela se esforça por dominar] agravam esse distanciamento que a torna espectadora de si mesma e das coisas.” (Nunes, 1973, p. 3-4)

Além de tais constatações, que se relacionam com o conflito entre existência e linguagem, tônica da discussão desenvolvida pelo crítico, a escritora seleciona mais três pequenos trechos, todos desse primeiro capítulo em que Benedito Nunes analisa a personagem Joana com pinceladas críticas certas, que captam os traços marcantes de sua construção no romance.

A primeira delas – “um tom passional envolvente” (Nunes, 1973, p. 4) – é, na verdade, segundo o crítico, traço que advém da inquietação de Joana, inquietação que “imprime à narrativa um tom passional envolvente”. Trata-se, pois, do tom passional envolvente da narrativa, mas como consequência de uma característica da personagem em questão.

Um segundo – “sua vocação para o excesso e a desmesura” (Nunes, 1973, p. 4) – é um dos modos de o crítico traduzir o que chama de *hybris*, energia que alimenta todo um movimento de busca da escrita.

E, finalmente, a escritora registra o seguinte trecho: “À beira de uma revelação, a um passo da ação decisiva...” (Nunes, 1973, p. 4), trecho que a escritora poderia completar, com a continuação da frase do crítico: “a personagem é traída pela sua liberdade sôfrega”.

É também o próprio autor Benedito Nunes que menciona uma atitude de Clarice que pode ser considerada positiva, mas também um tanto intrigante. Ela lhe teria dito: “Você não é um crítico, mas algo diferente, que não sei o que é”. (Nunes, 2005, p. 289)

Sob esse aspecto, leitor e escritora encontram-se. E pelas mesmas razões, justifica-se a dedicatória que Clarice registra num exemplar desse livro de Benedito Nunes, *Leitura de Clarice Lispector*, que ela oferece ao amigo escritor Murilo Rubião: “Ao Murilo Rubião, – este livro que me entendeu mais do que eu me entendi. Clarice”⁴.

Cinco perguntas

Logo após a morte de Clarice Lispector, em 1978, uma conferência de Benedito Nunes é publicada em separata da Revista de Cultura do Pará com o título de “A paixão de Clarice Lispector”. A reflexão situa a obra ficcional de Clarice num contexto mais amplo de uma linhagem histórica do romance. O autor recorre à *Estética* de Hegel, para considerar o romance como “representação épica possível numa sociedade que se tornara prosaica, organizando-se como um todo sob o império político da ordem civil e legal do Estado burguês, com o qual conflita a individualidade.” (Nunes, 1978, p. 52). E recorre ainda aos estudos das estruturas gerais do romance empreendidas por Lukacs na sua *Teoria do romance*, de 1920, para explicar o fenômeno da revolução romanesca mediante o dilaceramento da forma e a introspecção como eixo discursivo.

O que o crítico observa nos romances, a partir do primeiro deles, é como a escritora foge às regras tradicionais do jogo, praticando “o artifício da falsa autoria”, levado adiante por Daniel Defoe no século XVIII, Machado de Assis, no século XIX, Max Frisch no século XX, mas, a ponto de, em *A hora da estrela*, proceder a uma “exibição ostensiva” de tais expedientes narrativos, ao desvestir a máscara de romancista e assumir-se como personagem e narrador.

Essa “atitude de suspeição, de reserva crítica, que obriga o escritor a indagar a cada passo sobre a razão de ser, sobre o objeto e o fim de sua arte” (Nunes, 1978, p. 56), leva o crítico a indagações que irá responder, ao longo do seu

⁴ O exemplar com tal dedicatória encontra-se em Belo Horizonte: Acervo de Escritores Mineiros, Arquivo Murilo Rubião, Universidade Federal de Minas Gerais.

ensaio: Por que narrar? O que narrar? Como narrar? Para que narrar? Mas eu que narro, quem sou?

O ato de narrar é levado assim a seu extremo limite de descentramento, em direção ao “outro que também somos.” E conclui: “Nenhum dos nossos escritores levou a literatura, como o fez Clarice Lispector, tão perto desse limbo do inconsciente de que se aproximaram Antoine Artaud e George Bataille, com os quais podemos compará-la do ponto de vista do fascínio da libido, do numinoso e da morte.” (Nunes, 1978, p. 66)

Se a leitura de Benedito Nunes não envereda pelo caminho da psicanálise, praticado por tantos leitores desde final do século passado, por outro lado desenha o mapa desse possível percurso, detectando recursos de que se alimenta a narrativa para sugerir e instigar tais direções.

O drama da linguagem

Diante da interrogação sobre o que seria a produção ficcional de Clarice depois de *A paixão segundo G.H.* e de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, o crítico afirma, no final do volume *Leitura de Clarice Lispector*:

Mas com certeza a narrativa continuará sendo aquilo que os contos confirmam: o desdobramento do sujeito que se narra. Narrar é narrar-se: tentativa apaixonada para chegar ao esvaziamento do Eu sem máscara, tendo como horizonte – existencial e místico mas não mítico – a identificação entre o ser e o dizer, entre o signo escrito e a vivência da coisa, indizível e silenciosa (Nunes, 1973, p. 155).

O olhar crítico acertou. O drama da linguagem continua, sob novas configurações⁵. Os ensaios que o crítico insere no volume sobre Clarice que publica a seguir, em 1989, intitulado *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*⁶, ao examinar a derradeira ficção romanesca de Clari-

⁵ Lembre-se que, nessa altura, no período que antecede a publicação desse livro, alguns trabalhos de vulto marcam a carreira crítica de Benedito Nunes dedicada ao estudo da obra de Clarice: “A paixão de Clarice Lispector: O Canto das Paixões” (1987); e a organização da edição crítica de *A Paixão segundo G.H.* (1988).

⁶ Trata-se da reedição dos textos já publicados em *Leitura de Clarice Lispector*, de 1973, com o acréscimo de dois capítulos inéditos em livro, redigidos entre 1973 e 1982, conforme nota do próprio autor.

ce – a novela *Água viva*, de 1973, e as novelas *A hora da estrela*, de 1977 e o póstumo *Um sopro de vida*, de 1978 -, detêm-se exatamente nas novas formas desse desdobramento.

Se no capítulo intitulado “Improviso ficcional”, referente a *Água viva*, o que se ressalta é a narrativa inclassificável que caminha como variações musicais sobre o ato de escrever, com motivos aparentemente desconexos, em direção ao âmago impessoal, o “it”, o neutro, por outro lado também aí o crítico reforça sua proposição inicial, anunciada logo no seu primeiro texto sobre Clarice, quando, neste novo volume de 1989, afirma:

Para Clarice Lispector, a impossibilidade é de narrar qualquer coisa sem ao mesmo tempo narrar-se – sem que, à luz baça de seu realismo ontológico, não se exponha ela mesma, antes de mais nada, ao risco e à aventura de ser, como o *a priori* da narrativa literária, como o limiar de toda e qualquer história possível (Nunes, 1989, p. 159).

O crítico reconhece aí o espetáculo não só do ver-se narrar, mas do ser o que narra, sob a forma do improviso, com variações: é a escritura que “se desenrola ao léu de múltiplos temas e motivos recorrentes” como, por exemplo, em *Água viva*; é “improvisação da identidade do narrador fundando-se em confronto com a identidade fictícia de seu personagem” (Nunes, 1989, p. 159), em *A hora da estrela*; é improviso que se desenvolve no monólogo de cada um dos personagens, sem “correspondência entre as duas diferentes pautas verbais”, em *Um sopro de vida*.

O jogo da linguagem, anunciada por Benedito Nunes nos seus dois primeiros artigos sobre Clarice Lispector, datados de 1965, adquire, nesse final de produção ficcional de Clarice, uma configuração agônica. É o que nos expõe no capítulo “O jogo da identidade”. (Nunes, 1989, p. 170). A tríade que o crítico reconheceu na leitura sob a forma de drama de linguagem na narrativa encenada por três personagens na novela *A hora da estrela* – Macabéa, Rodrigo S. M., autora – “na verdade, Clarice Lispector”, como “identidades intercambiáveis”, é retomada na leitura de *Um sopro de vida*, entre um Autor e Ângela, um Ele e um Ela, em que Clarice também se insere, “ortônima no meio de seus heterônimos.” (Nunes, 1989, p. 170)

É no final dessa obra derradeira e agônica que o crítico encontra o epitáfio da obra da escritora, fechando, como “estela fúnebre”, o percurso de sua criação.

Referências Bibliográficas

- Candido, Antonio (25 jun. 1944), “Língua, pensamento, literatura”. São Paulo, *Folha da Manhã*; (16 jul. 1944b), “Perto do coração selvagem”, São Paulo, *Folha da Manhã*.
- Candido, Antonio (1970), “No raiar de Clarice Lispector”. *Vários escritos*. São Paulo, Duas Cidades, p. 123-131.
- Gotlib, Nádia Battella (2013) *Clarice, uma vida que se conta*, 7 ed. São Paulo, Edusp.
- Gotlib, Nádia Battella (1988) “Um fio de voz: Histórias de Clarice”, in Lispector, Clarice, *A paixão segundo G. H.*, ed. crítica, org. Benedito Nunes, Paris, Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXème siècle; Brasília: CNPq, p. 161-195.
- Gotlib, Nádia Battella (2011), “Perto de Clarice: o leitor Benedito Nunes” in Costa Lima, Luiz e Sales Pinheiro, Victor, Victor (orgs.), *Pensamento poético – a obra de Benedito Nunes*, Rio de Janeiro, Azougue Editorial, p.119-136.
- Lispector, Clarice (s.d.), carta a Lúcio Cardoso, [Belém], Arquivo Lúcio Cardoso/Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Lispector, Clarice (1943), *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro, A Noite.
- Lispector, Clarice (1949), *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro, Editora do Autor.
- Lispector, Clarice (1961) *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora.
- Lispector, Clarice (1964), *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro, Editora do Autor.
- Lispector, Clarice (2002), *Correspondências*, org. Teresa Montero, Rio de Janeiro, Rocco.
- Nunes, Benedito, (24 jul.1965), “A náusea em Clarice Lispector”, O Estado de S.Paulo, Suplemento literário. p. 3.
- Nunes, Benedito (04 set.1965), “A paixão segundo G. H.”. O Estado de S.Paulo, Suplemento literário, p. 1.
- Nunes, Benedito (20 nov.1965), “O jogo da linguagem-I”. O Estado de S.Paulo, Suplemento literário, p. 6.
- Nunes, Benedito (20 nov.1965), “O jogo da linguagem-II”. O Estado de S.Paulo, Suplemento literário, p. 4.
- Nunes, Benedito (1966), *O mundo de Clarice Lispector*. Pref. Arthur Cezar Ferreira Reis. Manaus, Edições Governo do Estado do Amazonas.
- Nunes, Benedito (1970), *O dorso do tigre*. São Paulo, Perspectiva.
- Nunes, Benedito (1973), *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron.
- Nunes, Benedito (1978), “A paixão de Clarice Lispector”. Separada da Revista de Cultura do Pará. Número especial: 10º. aniversário. Ano 8, n. 32.
- Nunes, Benedito (1989), *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo, Ática.
- Nunes, Benedito (1998), depoimento concedido a Nádia Battella Gotlib, Belém.

- Nunes, Benedito (2000), “Dona Claricé”. *Dois ensaios e duas lembranças*. Belém, SECULT/UNAMA.
- Nunes, Benedito (set.-dez.2005a), “Meu caminho na crítica”. *Revista Estudos Avançados*. Universidade de São Paulo, v. 19, n. 55, p. 289-305.
- Nunes, Benedito (2009), *A chave do poético*, org. Victor Sales Pinheiro, São Paulo, Companhia das Letras.
- Torricono, Jucimara (2007), *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*. São Paulo, Edusp, 2011.